

Conflitos pastorais e presença luterana na política: século XIX

Por Oneide Bobsin*

Resenha de:

WITT, Marcos Antônio. *Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

O livro do meu conterrâneo, Marcos Antônio Witt, nasceu de sua tese de doutorado em História, que foi defendida no início do corrente ano na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Ela revisita, com um outro olhar complexo, a imigração alemã no Rio Grande do Sul, do século XIX, realçando os vínculos religiosos e políticos entre São Leopoldo e o Litoral Norte do RS - LNRS, mais especificamente Vale Três Forquilhas.

Algumas perguntas importantes vão-nos suscitando instigantes percepções através da pesquisa acurada feita em arquivos, sem ignorar a tradição oral. A pesquisa joga novas luzes sobre assuntos já sedimentados. Imigrantes alemães e seus descendentes envolveram-se ou não no jogo político? As respostas são tão surpreendentes quanto preocupantes. As colônias alemãs do LNRS, tanto a católica quanto a evangélica, articulavam-se ou não com São Leopoldo e adjacências? A idéia do isolamento dos imigrantes e seus descendentes não parece se sustentar.

Os contratos matrimoniais se pautavam pelo amor ou outros interesses regiam a constituição de novas famílias? Parece que o amor não era tão romântico no século XIX! Também as relações de compadrio, propiciadas pelo batismo de crianças,

* Professor de Ciências da Religião, Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo e Reitor da Faculdades EST.

nem sempre visavam o testemunho de fé. Os interesses materiais sempre estavam presentes, em menor ou maior grau, como em qualquer cultura ou tradição religiosa.

A disputa entre os pastores por um lugar onde a função fosse mais reconhecida e o futuro mais promissor economicamente não é uma questão atual. Faz parte do campo simbólico-religioso com suas estratégias de poder entre agentes reconhecidos e outros agentes “leigos” que pleiteavam tais cargos. A densa descrição destes conflitos feita por Marcos Witt merece ser lida pelo clero de diversas Igrejas.

As disputas entre o pastor Carlos Leopoldo Voges, que se estabeleceu no Vale Três Forquilhas depois da 1830, e o pastor Ehlers, de São Leopoldo, também envolveram o pastor Klingelhoefter, que morreu nos campos de batalhas da Revolução Farroupilha. Marcos Witt se sustenta no historiador Tramontini, seu orientador do mestrado, para exemplificar as disputas pela liderança das comunidades: *“Voges, inimigo figadal de Elhers, conquistou espaços que o colocaram como “exponente” nas esferas econômicas e política do mundo colonial do século XIX. Casamentos, apadrinhamentos, alianças, entre outras artimanhas, proporcionaram a Voges lugar de destaque no mega-espaço São Leopoldo - LNRS”* (p. 69), tema do capítulo II.

As tabelas sobre Inventários e Registros Paroquiais da Lei de Terras, bem como as de casamentos, quantificam os pactos entre famílias “exponenciais” que casavam suas filhas e seus filhos entre si, forjando, assim, um lugar de destaque no jogo político. *“Assim como os casamentos que envolveram as famílias Diefenthäler e Voges resultaram no crescimento econômico e social daquelas parentelas, os acordos matrimoniais estabelecidos entre os núcleos Jacoby, Schmitt e Voges fundiram uma estrutura de liderança no cenário colonial do LNRS que chegou até o século XX”* (p. 93).

Os capítulos subseqüentes, da parte II, reúnem um farto material a partir de inventários que sustentam a tese que procuramos resumir acima, tentando ser fiel ao seu autor.

Contudo, entre tantas questões que chamam a nossa atenção nos inventários detalhados, refere-se à menção de escravos negros no rol dos bens, ao lado de vacas, bois, porcos e extensão de terras. Mas também o poder comercial do filho do pastor Voges, com a sua venda em Taquari, encontra respaldo na relação de empresas fornecedoras de Porto Alegre. Mais um argumento para contestar a tese do isolamento do LNRS. Igualmente, mais um argumento para mostrar que uma rede de transporte fluvial e terrestre ancorava os empreendimentos comerciais. Tê-las a seu favor é uma das condições para a constituição do poder político local.

Por último, mas não menos importante, o capítulo que considera a disputa político-partidária, pode assim ser resumido, com as palavras desta consistente tese de doutorado de Marcos Witt: *“Todos os casos investigados foram perpassados por conflitos, de maior ou menor grau. Pastores, juízes, colonos tiveram o cotidiano marcado por disputas, as quais visavam à conquista de um bem maior, quer fosse um pedaço a mais de uma colônia ou a ocupação de um cargo público. O subcapítulo que encerra este texto ficará centrado num único conflito, cuja origem esteve na disputa político-partidária”* (p. 267).

Assim, ao retomar sua dissertação de mestrado para sustentar a sua tese, o livro destaca em seu último parágrafo a presença do pastor Voges ao longo do século XIX. Carlos Leopoldo Voges exerceu por mais de 60 anos atividades que reuniram o poder simbólico e material. Tal poder se estendeu para o século XX, em âmbito local.

Concordamos, pois com Marcos Witt, quando desdobra o “caso Voges”: *“é difícil dissociar religião, economia e política”*.

Parece-me que Voges foi um “estrategista”. Sua casa ao lado do templo em que fomos socializados na fé, em Itati, serviu de escola, de moradia e de ponto comercial: ela permanece como sinal daqueles tempos que não se foram totalmente, mas que não voltam do jeito que foi descrito por Marcos Witt.